

GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL: FORMAÇÃO DOCENTE E CURRÍCULO

Elaine Cristina de Oliveira Pinto¹

Eliane Rose Maio²

(Orientadora)

RESUMO

O presente artigo apresenta as temáticas sobre gênero, sexualidade e educação sexual na formação dos/as professores/as, que são passíveis de discussão no eixo da educação, pois ambas estão relacionadas à cultura e à formação. Além disso, esses temas ainda são tabus na sociedade, fazendo com que os/as professores/as tenham pouca formação sobre tais assuntos. Essa pesquisa tem como objetivo geral analisar os capítulos do livro da disciplina Corpo, Gênero e Sexualidade do curso de Pedagogia de Educação a Distância EAD/UEM sobre a formação docente inicial e seu currículo, analisando que no curso de Pedagogia presencial da *campus* sede não contém essa disciplina. O método foi exploratório e bibliográfico e teve como base teórica um estudo sobre a sexualidade e educação, baseado em artigos científicos, capítulos de livros de autores/as que discutem o assunto. Como resultado foi possível verificar que esse tema ainda é pouco abordado na formação dos/as professores/as, já que no curso de Pedagogia presencial UEM-sede não tem nenhuma disciplina que trate desse assunto especificamente.

Palavras-chave: Educação sexual; formação docente; Gênero; Pedagogia.

ABSTRACT

This article presents the themes on gender, sexuality and sex education in the training of teachers, which can be discussed in the education axis, since both are related to culture and training. In addition, these issues are still taboos in society, making teachers poorly trained in such subjects. This research has as general objective to analyze the chapters of the book Body, Gender and Sexuality of the EAD / UEM Distance Education Pedagogy course on the initial teacher education and its curriculum, analyzing that in the course of Pedagogy in the campus headquarters does not contain this discipline. The method was exploratory and bibliographical and had as theoretical basis a study on sexuality and education, based on scientific articles, chapters of authors' books that discuss the subject. As a result, it was possible to verify that this theme is still little approached in the training of the teachers, since in the course of Pedagogy presence UEM-sede has no discipline that deals with this subject specifically.

Keywords: Sexual education; teacher training; Genre; Pedagogy.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá.

² Docente do Departamento de Teoria e Prática da Educação DTP/UEM.

1. INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar sobre essa temática surgiu após a pesquisadora observar a falta de disciplinas que abordem as questões de sexualidade na formação inicial dos/as professores/as. Com uma breve pesquisa exploratória, foi possível encontrar que, no curso de Pedagogia EAD/UEM (Educação a Distância-Universidade Estadual de Maringá), contém uma disciplina específica que trate sobre gênero e sexualidade, o que instigou a pesquisadora mais ainda sobre a falta de conteúdos na formação docente do curso de Pedagogia presencial UEM-sede.

Nesse contexto, o presente artigo apresenta as temáticas sobre gênero, sexualidade e educação sexual que são passíveis de discussão no eixo da educação, pois ambas estão relacionadas à cultura e à formação. Além disso, esses temas ainda são tabus na sociedade, fazendo com que os/as professores/as tenham pouca formação sobre esses assuntos, e a consequência disso é a falta de conhecimento para ensinar as questões acima elencadas, nas salas de aulas.

Nesse sentido, Louro (2008, p.18) afirma que “[...] a construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente”. Com isso, as representações sociais em relação ao gênero e à sexualidade são construídas social e continuamente, de forma que essa construção vai mudando ao longo da vida.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar os capítulos do livro da disciplina “Corpo, Gênero e Sexualidade” (código: 4622), do curso de Pedagogia EAD/UEM sobre a formação docente inicial e currículo, analisando que no curso de Pedagogia presencial da UEM-sede não contém essa disciplina. Para alcançar o objetivo proposto, este trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica. Para Marconi; Lakatos (2010, p.158) “[...] a pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”.

É preciso considerar que as questões de gênero e sexualidade fazem parte das relações sociais que transpõem nossa sociedade e não constituem um universo paralelo. Então por isso, tais questões, podem gerar certo desconforto quando debatidas, por expor práticas de preconceito e exclusão. Como mostra Louro (2007, p. 204)

[...] gênero e sexualidade estão presentes em instituições, discursos, normas e práticas e, por este motivo, atribuem sentido à sociedade. E para compreender essas questões é necessário passar a pensá-las como questões individuais e passar a reconhecê-las como sociais e culturais. As formas de viver a sexualidade, de experimentar prazeres e desejos, mais do que problemas ou questões de indivíduos, precisam ser compreendidas como problemas ou questões da sociedade e da cultura.

Nessa perspectiva, levando em consideração as questões de gênero e sexualidade que fazem parte das relações sociais, podemos conhecer melhor as discussões sobre gênero nas instituições por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997). Deste modo, o documento auxilia no conhecimento sobre as questões e discussões que são embasadas nas escolas sobre os temas aqui pesquisados.

A discussão sobre gênero no universo da escola faz com que possamos conhecer e acompanhar as discussões sobre o tema dentro da instituição, para isso os/as docentes têm os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997) como base.

Dessa forma, Oliveira (2015, p.15), apresenta que

Os PCN (BRASIL, 1997) em seu volume de número 10, propõem sobre a educação sexual nas escolas, enfatizando que é um dos papéis da escola discutir assuntos relacionados a valores e crenças, isso fica evidente no seguinte excerto [...] cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência por meio da reflexão. A justificativa dos PCN sobre Orientação Sexual apresenta que geralmente o assunto sobre a sexualidade não é discutido entre pais/mães/responsáveis e filhos/as em casa, então esta discussão passa a ser levada para dentro da sala de aula, fazendo com que muitas escolas públicas ou privadas reprimam seus/suas alunos/as sobre a temática dentro do âmbito escolar.

Os PCN (BRASIL, 1997), propõem em seu volume 10, intitulado *Orientação Sexual e Pluralidade Cultural* a discussão sobre a temática nas escolas, mas os/as profissionais da educação não recebem a formação adequada na formação inicial para tratar sobre o assunto, e alguns/mas manifestam preconceitos e muitos tabus sobre esses temas.

Em relação ao formato, este trabalho está dividido da seguinte forma: em um primeiro momento será discutida a concepção de gênero; num segundo momento será discutido sobre o conceito de sexualidade; num terceiro momento sobre a educação sexual; e num quarto momento a análise da disciplina “Corpo, Gênero e Sexualidade”, na modalidade

Pedagogia EAD/UEM sobre a formação docente inicial e currículo, e por fim, a conclusão do trabalho.

2. CONCEPÇÃO DE GÊNERO

O gênero é a construção do masculino e feminino em suas relações sociais, que por meio disso as diferenças entre eles vai além de características biológicas, mas também de características sociais e históricas. A expressão gênero surge com o objetivo de marcar que as diferenças entre homens e mulheres não são apenas de ordem física e biológica, mas implicitamente de ordem social e histórica (BRAGA, 2010).

Com isso, ao longo da vida, as pessoas vão tendo suas diferenças entre si e se construindo como masculinos, femininos, ou os dois, ou nenhum (não binário). Desta maneira, compactuamos com Louro (1997, p. 28) ao apresentar que

é possível pensar as identidades de gênero de modo semelhante: elas também estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo.

Além disso, o gênero é entendido como a condição social por meio da qual reconhecemos como masculino e feminino. Com isso, Goellner (2011, p. 17) indica que

[...] o gênero é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino. [...] se estamos cientes de que o gênero é a construção social do sexo, precisamos considerar que aquilo que no corpo indica ser masculino ou feminino não existe naturalmente.

Para Louro (2008, p. 1),

[...] gênero e sexualidade são construídos por meio de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado.

O gênero é construído por meio de várias práticas e aprendizagens, em um processo sempre constante, que nunca acaba, ou seja, o gênero por meio da sociedade vai construindo-se. Dessa maneira, Louro (2008) apresenta que a palavra gênero pode ter vários significados, que são construídos por meio das aprendizagens e práticas aprendidas ao longo da sociedade.

Na perspectiva apresentada pela autora, gênero e sexualidade são construídos por meio das aprendizagens e práticas empreendidas no meio social e cultural. A mesma autora ainda escreve que

[...] aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos (LOURO, 2008, p.1).

É preciso considerar que o gênero e a sexualidade são construídos por meio de várias práticas e aprendizagens, então podemos vivenciar os dois por meio da cultura. Na próxima seção serão apresentados conceitos sobre sexualidade.

3. CONCEITO DE SEXUALIDADE

A sexualidade diz respeito ao ser humano, então esse tema deve ser discutido nas escolas, por meio das relações entre o/a professor/a e aluno/a, e até mesmo entre os/as próprios/as alunos/as, enfim com toda a comunidade educativa, a saber, pais/mães, responsáveis, funcionários/as, equipe diretiva e administrativa. Promover conhecimentos acerca da sexualidade os/as fortalecem e cria condições para que consigam tomar decisões coerentes sobre o assunto em questão.

Faremos uma retrospectiva histórica sobre o estudo da sexualidade no espaço escolar, para que fique visível em que momento essa temática começou a ser discutida no Brasil, que foi por volta do século XVI, e para Oliveira (2015, p. 11)

No Brasil, os aspectos sobre a sexualidade começam a ser discutidos no século XVI, visto que esta temática inquietava as pessoas, principalmente por conta dos discursos religiosos e conservadores que condenavam as práticas sexuais [...]

Dessa maneira, os aspectos da sexualidade incomodavam as pessoas daquela época, principalmente pela sociedade ser constituída por religiosos/as e conservadores/as, que desaprovavam assuntos ligados a esse tema. Com isso, Giddens (1993, p. 23) menciona que

[...] o confessionário foi sempre um meio de controle da vida sexual dos/as fieis. Mas com o passar do tempo, as opiniões da sociedade daquela época, sobre a sexualidade e as práticas sexuais, iam mudando junto com a Igreja Católica porque esta última começava a pensar a sexualidade dos/as fieis como cuidado com a saúde.

Já no século XVII a sociedade não podia falar em sexo, pois era negado todo discurso quanto à sexualidade e tudo se comprimia ao silêncio na sociedade. Isso fica evidente quando Foucault (1988, p. 09) afirma que o “[...] único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais”.

A cada século acontecem transformações diferentes sobre a sexualidade, dessa maneira, no século XVIII a sexualidade é discutida na sociedade como uma política econômica do sexo apresentando a maneira de qualificar e contabilizar, assim Foucault (1988, p. 30) aborda que

[...] nasce uma incitação política, econômica, técnica, ao falar de sexo. E não tanto sob a forma de uma teoria geral da sexualidade, mas sob forma de análise, de contabilidade, de classificação e de especificação, através de pesquisas quantitativas ou causais.

Isso faz refletir que a sexualidade está se modificando a cada século, proporcionando assim, um avanço sobre esse tema considerado polêmico. Nesse sentido, a sexualidade no século XIX está interligada com o poder de várias maneiras. Com isso, Giddens (1993, p. 28) escreve que o

[...] século XIX e o início do século XX são a principal preocupação de Foucault em seu encontro com a hipótese repressiva. Durante este período, a sexualidade e o poder tornaram-se interligados de muitas maneiras distintas. A sexualidade desenvolveu-se como um segredo que, a seguir, teve de ser incessantemente guardado, e contra o qual era preciso se precaver. Tomemos o caso da masturbação.

Já no século XX, já se iniciam estudos voltados para as representações sobre a sexualidade, com políticas voltadas para as mulheres (RIBEIRO, 2004). Aldeman (2000, p. 167) apresenta que

[...] no século XX surgiu e fortaleceu-se a representação da sexualidade como fonte de prazer e expressão individual, vinculada à identidade pessoal e ao seu novo “aliado”, o mercado. As formas “tradicionais” (igreja, família, comunidade) e “modernas” (o Estado, a medicina e a psiquiatria) de regulação da sexualidade começaram a ser contestadas ativamente, através da política sexual de diversos grupos que sofriam a ação desses sistemas: em particular, as mulheres, as pessoas homossexuais e bissexuais, e os jovens.

Com isso, a sexualidade ganha espaço por meio das conquistas que as mulheres estão fazendo na sociedade. Dessa forma, compactuamos com Ribeiro (2004, p. 17), afirma que

Em pleno século XXI, pode dizer-se que a sexualidade no mundo vem ganhando espaço por meio à crescente conquista das mulheres de novos espaços sociais, a eclosão de novos arranjos familiares, a invenção de novas modalidades de relacionamento afetivo entre pessoas do mesmo sexo e as decisões jurídicas e a aprovação de leis que criminalizam as discriminações por sexo, gênero e orientação sexual.

A sexualidade se mostra importante no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento (BRASIL, 1997).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997, p. 17) trazem que

A sexualidade é importante na vida do ser humano, ela está e estará presente em suas várias formas e representações nas mais diferentes áreas da experiência e existência humana, sejam elas, corporais, emocionais, sociais, ética, moral, e até religiosa.

Para os PCN (BRASIL, 1997), a postura do/a educador/a deve partir do princípio. Ele/a deve reconhecer que o/a aluno/a tem curiosidades sobre a sexualidade, identificar como legítimo e lícito o desejo deste/a em buscar entender a sua sexualidade. É necessário

também que o/a educador/a tenha acesso à formação específica para falar da sexualidade com crianças e adolescentes na escola, para isso é preciso que entre em contato com questões teóricas e científicas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens, ou seja, se preparar para a intervenção teórica e prática junto aos/às alunos/as e ter acesso a um espaço grupal de supervisão da mesma, que deve ocorrer de forma continuada e sistemática, constituindo, portanto, um espaço de reflexão sobre valores e preconceitos dos/as próprios/as educadores/as envolvidos/as no trabalho de educação sexual (BRASIL, 1997).

Na próxima seção serão apresentados alguns motivos para trabalhar com essa temática de educação sexual nas escolas, enfatizando as diferentes relações do espaço escolar, e a função das mesmas para trabalharem esses assuntos, que ainda são considerados tabus.

4. EDUCAÇÃO SEXUAL ESCOLAR

A educação sexual nas escolas deveria ser definida no núcleo comum para o Ensino Fundamental, Médio e na Educação Infantil como tema transversal, podendo ser trabalhada em qualquer disciplina, visando propiciar aos/às alunos/as a possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa, para que não tenham uma experiência traumática, cheia de deturpações, como por exemplo: gravidez indesejável, doenças sexualmente transmissíveis/AIDS e também o abuso sexual.

Apresentaremos a seguir uma cronologia histórica da implantação dos estudos de educação sexual nas escolas brasileiras, com o objetivo de distinguir a maneira que a educação sexual foi incluída nas escolas.

Na década de 60, no Brasil, os Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte efetivamente introduziram no currículo escolar o termo educação sexual, como sendo um trabalho organizado por professores/as. Assim, subscrevemos com Ribeiro (2004, p. 19) quando menciona que

[...] as escolas do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte introduzem a educação sexual, que neste trabalho, a partir deste ponto é denominada orientação sexual, para distingui-la da educação sexual proposta e defendida nas décadas anteriores.

Este trabalho, na década de 60, era uma ação educativa nas escolas para os/as alunos/as, e era sistematizado e organizado pelos/as professores/as. Com o passar do tempo, a escola no século XX foi se transformando no seu conceito sobre sexualidade, sendo que o desejo dos/as alunos/as passa a ser controlado, de maneira disciplinadora, conforme aponta César (2014, p. 24), “[...] a educação sexual se apresenta como um dispositivo de controle, pois é justamente na instituição escolar que se instauraram os dispositivos disciplinares sobre os corpos de crianças e jovens”.

Pode-se trabalhar uma abordagem educativa da sexualidade, de maneira que faça os/as alunos/as compreenderem esses temas que são considerados polêmicos, no qual vai buscar transformá-la em situação de aprendizagem e crescimento. Portanto, o/a educador/a também pode tomar alguns temas mais polêmicos, de interesse dos/as alunos/as e com isso ter um planejamento de desenvolver um projeto para tirar quaisquer dúvidas e curiosidades dos/as mesmos/as, além de trazer aprendizagens significativas sobre o contexto abordado. Desta maneira, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), apresentam que

[...] os temas polêmicos da sexualidade abrangem uma compreensão ampla da realidade, demandam estudo, são fontes de reflexão e desenvolvimento do pensamento crítico e, portanto, exigem maior preparo dos educadores. É importante, porém, que a escola possa oferecer um espaço específico dentro da rotina escolar para essa finalidade (BRASIL, 1997, p.52).

As escolas que abrigam o conhecimento, não devem estar de “braços cruzados”, uma vez que as questões referentes à sexualidade não se restringem apenas no âmbito individual, por isso é premente que as instituições de ensino, dentro do seu currículo, procurem administrar melhor seu tempo para que possam discutir esse tema em sala de aula.

Porém, não compete à escola, em nenhuma situação, julgar como ‘certa’ ou ‘errada’ a educação que cada família oferece. O papel da escola é abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre sexualidade possam se expressar. Caberá à escola trabalhar o respeito às diferenças, a partir da sua própria atitude de respeitar àquelas expressas pelas famílias. A única exceção refere-se às situações em que haja violação dos direitos das crianças e dos/as jovens. Nesses casos específicos, cabe à

escola posicionar-se a fim de garantir a integridade básica de seus/suas alunos/as – por exemplo, as situações de violência sexual contra crianças por parte de familiares devem ser comunicadas ao Conselho Tutelar (que poderá manter o anonimato do/a denunciante) ou autoridade correspondente (BRASIL, 1997).

Infelizmente, ainda hoje há professores/as inseguros/as aos questionamentos levantados acerca do tema sexualidade. Melo (2005) afirma que, apesar de alguns/mas reconhecerem a importância da educação sexual nas escolas, o preconceito e até mesmo o desconhecimento está presente na postura e nas falas dos/as educadores/as.

Na próxima seção apresentaremos a formação docente e o currículo, a partir da análise da disciplina *Corpo, Gênero e Sexualidade* (código: 4622), no qual ficará mais evidenciada como é a formação inicial dos/as professores/as, visto que no curso de Pedagogia presencial UEM-sede, não contém nenhuma matéria específica que trate sobre esse tema.

5. FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL E CURRÍCULO

A formação inicial, no curso de Pedagogia presencial UEM-sede não tem no seu currículo, disciplinas que trabalhem sobre sexualidade no âmbito escolar, questões de gênero, com isso os/as futuros/as pedagogos/as irão para as escolas sem essa formação, às vezes sem saberem lidar com situações que envolvam temas relacionados à sexualidade.

Desta forma, concordamos com Britzman (2001, p. 61), quando apresenta que

[...] o que acontece com a sexualidade quando professoras e professores que trabalham no currículo da escola começam a discutir seus significados? Será que a sexualidade muda a maneira como a professora e o professor deve ensinar? Ou será que a sexualidade deveria ser ensinada exatamente da mesma forma que qualquer outra matéria? Quando os professores pensam sobre a sexualidade, o que é que eles pensam? Que tipo de conhecimento poderia ser útil para seu pensamento? Existe uma posição particular que se deveriam assumir quando se trabalha com o conhecimento da sexualidade? Quais são as relações entre nosso conteúdo pedagógico e as interações que temos com os alunos e as alunas.

Nessa perspectiva, alguns/mas graduados/as do curso de Pedagogia presencial UEM-sede, procuram estudar sobre sexualidade depois da formação inicial, no qual requer

todo um conhecimento teórico e prático científico, pois estar em sala de aula e ter que responder às dúvidas dos/as alunos/as sem qualquer entendimento sobre sexualidade e diversidade sexual, causa um incômodo em sua atuação.

Analisando a ementa do curso de Pedagogia EAD/UEM, nos deparamos com uma disciplina intitulada *Corpo, Gênero e Sexualidade* (código: 4622) (ANEXO I), e no curso de Pedagogia presencial/UEM-sede não tem nenhuma disciplina que trate sobre as questões de gênero e sexualidade, conforme já explicitamos acima. O objetivo principal dessa disciplina é compreender o papel desempenhado pelas pedagogias culturais na construção do corpo, da sexualidade e dos gêneros, além de identificar os processos culturais e educativos que modelam os sujeitos na infância, verificando as intervenções realizadas pelas diversas instâncias e artefatos pedagógico-culturais, que está disposto no programa da mesma.

O livro estudado pela disciplina *Corpo, Gênero e Sexualidade* (código: 4622) intitulado “Corpo, Gênero e Sexualidade” foi organizado por Ivana Guilherme Simili, professora do Departamento de Fundamentos da Educação (DFE-UEM), e apresenta 10 capítulos. O primeiro capítulo tem como tema ‘Corpo, gênero e sexualidade: reflexões necessárias para pensar a educação escolar’, escrito pela Silvana Vilodre Goellner, trata as questões sobre os corpos, o gênero com a sua construção do masculino e feminino e pensamentos sobre a sexualidade na educação.

Já o segundo capítulo com o título da ‘Escola mista à coeducação: igualdade de gênero e construção da democracia, escrito pela Daniela Auad, aborda os conhecimentos sobre as relações de gênero nas práticas escolares.

O terceiro capítulo tem como título “Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafios para o encontro das diferenças”, escrito por Durval Muniz de Albuquerque Júnior e vem discutir sobre encontrar essa verdade do macho, observando o seu corpo, que não deve deixar escapar nenhum gesto, nenhuma atitude, nenhum traço que possa identifica-lo como sendo feminino.

O quarto capítulo tem como título ‘Cartas para Ludovic’: conversas sobre moda e gênero’, escrito pela Ivana Guilherme Simili, no qual expõe a temática de um menino que gosta de se vestir como menina. Ele gosta de vestidos, de brincos, de maquiagem; gosta de brinquedos e brincadeiras de menina, como é o caso das bonecas, e de dançar.

O quinto capítulo tem como título 'Defrontando-se com os preconceitos: mulheres e a luta pelo controle do corpo', escrito pela Rachel Soihet, nesse capítulo é apresentado sobre a luta de poder entre os gêneros e os preconceitos existentes.

Já, o sexto capítulo tem como título "Sexualidade e sujeito sexual: o campo da saúde e algumas interfaces com a educação", escrito pela Cristiane Gonçalves da Silva, que debate divergências da sociedade diante da sexualidade e com isso tratar da sexualidade e do sujeito sexual a partir da saúde, e da importância desse tema para a educação.

No sétimo capítulo tem como título "Gênero, educação sexual no espaço escolar, priorizando a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries)", escrito pela Eliane Rose Maio, discute sobre vários assuntos referentes à educação sexual no espaço escolar.

O oitavo capítulo tem como título "Educação sexual na Perspectiva dos Direitos Humanos: trabalhando com crianças", escrito pelas professoras Maria de Fátima Salum Moreira e Maytê Gouvêa Coletto Bezerra, aborda sobre o gênero e sexualidade na infância na perspectiva dos direitos humanos.

O nono capítulo tem como título "Escolas em luta contra a lesbofobia, a homofobia e a transfobia", escrito pela Patrícia Lessa e desenvolve alguns conceitos pertinentes aos temas lesbofobia, homofobia e transfobia para confrontá-los com os preconceitos naturalizados sobre o sexo e a sexualidade.

E o décimo capítulo tem como título "O papel da escola e dos profissionais da educação no enfrentamento da violência sexual", escrito pela Renata Maria Coimbra Libório, que traz conceitos, indicadores e consequências sobre esse tema.

Dessa maneira, analisamos que o livro no qual é estudado nessa disciplina, é bem amplo e cheio de temáticas que são importantes para a formação dos/as professores/as, além de auxiliar na compreensão dos conceitos de gênero e sexualidade no espaço escolar.

Esse livro também apresenta vários estudos sobre atividades que remetem a um pensamento mais amplo de cada temática e apresenta no quarto capítulo um filme que narra a história de um menino de 7 anos chamado Ludovic. Já no quinto capítulo apresenta algumas atividades referentes a charges sobre as temáticas discutidas no capítulo sobre a luta das mulheres na sociedade. Nos outros capítulos trazem instigações sobre cada tema a ser discutido na sociedade, de maneira a contribuir para a formação dos/as professores/as.

Diante dessa análise do livro da disciplina *Corpo, Gênero e Sexualidade* (código: 4622), fica evidente que esse tema é muito fundamental para ser trabalhado no curso de Pedagogia presencial UEM-sede, pois assim, na formação docente teriam mais conhecimentos sobre essa temática e conseguiriam abordar de forma mais ampla esses conteúdos em sala de aula.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que é necessário discutir na escola e principalmente na formação inicial de professores/as às questões sobre sexualidade, pois a falta de conhecimento sobre esta temática faz com que os/as profissionais da educação tenham dificuldade em debater sobre o tema em sala de aula.

O objetivo desse trabalho foi analisar o livro da disciplina *Corpo, Gênero e Sexualidade* (código: 4622), do curso de Pedagogia EAD/UEM sobre a formação docente inicial e currículo, analisando que no curso de Pedagogia presencial da UEM-sede não contém essa disciplina.

Quando se fala sobre discutir acerca da sexualidade quer se dizer que devem ser implantadas nos currículos das licenciaturas, disciplinas que trabalhem sobre sexualidade e diversidade sexual, com abordagens, práticas pedagógicas em sala de aula, visando a preparar os/as profissionais da educação para saberem lidar com as situações sobre as manifestações sexuais e dúvidas dos/as alunos/as.

Diante disso, concluimos até esse momento que foi possível verificar que esse tema ainda é pouco abordado na formação inicial dos/as professores/as, já que no curso de Pedagogia presencial UEM-sede não tem nenhuma disciplina que trate desse assunto especificamente, conforme já atentamos acima.

Dessa maneira, sugerimos que o colegiado do curso acrescente disciplinas específicas no curso de Pedagogia presencial UEM-sede, para que assim, os/as discentes saibam como trabalhar esses assuntos com mais conhecimentos em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALDEMAN, Mirian. Paradoxos da Identidade: A Política de Orientação Sexual no Século XX. **Revista de Sociologia e Política**, nº 14: jun. 2000, p. 163-171.

BRAGA, Eliane Rose Maio. Gênero, sexualidade e educação: questões pertinentes à pedagogia. In: CARVALHO, Elma Julia Gonçalves de; FAUSTINO, Rosangela Célia (Orgs.). **Educação e diversidade cultural**. Maringá/PR: Eduem, 2010. p. 205-218.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual /** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 61-92.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Escolarização da sexualidade: apontamentos para uma reflexão. In: SIERRA, Jamil Cabral; SIGNORELLI, Marcos Claudio (Orgs.). **Diversidade e educação: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia**. Matinhos: UFPR Litoral, 2014. p. 17-30.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: vontade de saber**. Tradução: Maria Tereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIDDENS, Anthony. **Foucault e a Sexualidade**. A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo, gênero e sexualidade: reflexões necessárias para pensar a educação escolar. In: SIMILI, Ivana Guilherme (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Maringá: EDUEM, 2011. p. 15-22.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, dez, 2007, p. 201-218.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56), maio/ago, 2008, p. 1-18.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7, ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MELO, Marciana Vieira de. **A educação sexual na escola: a postura docente e discente diante da diferença de identidade homossexual**. Cáceres-MT, UNEMAT, 2005.

OLIVEIRA, Daniele. **Histórias Orais:** Educação Sexual e Informal dos Docentes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá-Sede. 2015, 45p. (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá – DFE, Maringá, 2015.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org.). **Sexualidade e educação:** aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 15-25.